

A IMPORTÂNCIA DO LÉXICO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO GÊNERO CHARGE

Anny Querubina de Souza Barros *

Considerações iniciais

A charge é um gênero já há tempos presentes no jornalismo impresso e nas revistas, e ocupa espaços diferenciados. Ela aborda com o humor os fatos do cotidiano, em geral da política, e caracteriza-se como um gênero humorístico/jornalístico e opinativo que tem como característica principal o predomínio da mescla icônico-verbal, em detrimento do que muitos chargistas já afirmaram: ser a charge um gênero predominantemente visual.

Contudo, a charge só pode desenvolver-se em espaços democráticos, porque trata preferencialmente de figuras públicas, em especial, os políticos de maior destaque. Assim, o sujeito produtor da charge pode ridicularizar o comportamento de um político importante sem criar problemas para a instituição jornalística. Ao focar temas da esfera política pública mais relevante, e atuais, a charge traduz numa visão particular a real situação da política, não pretendendo apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, desvelar, denunciar e levar à reflexão os seus leitores.

Nesse panorama, o escopo deste estudo é analisar e descrever a importância do léxico do universo chárstico. As charges escolhidas para compor o *corpus* deste trabalho são, ao nosso entender, significativas e relevantes para uma análise sócio-cognitiva e sêmica de articulação dos modelos teóricos responsáveis pela produção de significação. Esse universo chárstico retrata e desvela momentos decisivos, importantes e cruciais da vida política e econômica do país. Segundo Barbosa (1995:201), “...estudar os problemas da origem, da estrutura e da função dos signos – no caso, a importância do léxico, sua formação e seleção para a constituição do gênero, implica, necessariamente, em sentir os reflexos de traços significativos dos grupos sociais, de suas atividades, de seus objetivos, seus métodos e valores. Quase sempre, as unidades léxicais indicam as fontes históricas que estão ligadas a cada grupo”.

Nesse sentido, na pesquisa, buscou-se os fundamentos teóricos e metodológicos propostos pela lingüística textual desenvolvida por Marcuschi, os estudos acerca da teoria dos gêneros desenvolvidos por Bakhtin, entre outros.

A charge enquanto produto cultural, ideológico e social está repleta de manifestações políticas, principalmente se o propósito do autor consistir em burlar os mecanismos que (in)formam determinados programas de ação governamental, os fins e os princípios que regem a ação dos dominantes e etc. Dessa forma, a charge é o resultado das transformações sociais, da modernidade e de suas implicações filosóficas e técnicas que constituem um novo canal de informação no universo da comunicação de massa. No universo chárstico estão presentes as forças sociais que a antecedem e a precedem em seu período histórico. Agostinho (1993:229), ressalta que “...como em qualquer outra forma de arte, a charge

* Bolsista e mestranda vinculada ao Programa de Pós-graduação da UFPE, sob a orientação do Professor Luiz Antônio Marcuschi. – UFPE / CNPq

nasce da individualidade, da espiritualidade do artista em relação aos anseios de seu tempo, de seu povo. Assim, todas as manifestações e preocupações de um determinado grupo social se expressam através da visão crítica do artista, de sua individualidade. Mais que qualquer outra espécie de arte, a charge se prende a uma função social”.

Nessa perspectiva, Bakhtin (1991), Fauconnier (1980) e Barbosa (1990) consideram que os sistemas sócio-cognitivos, sócio-interacionais e semióticos têm por escopo permitir a mais adequada integração do homem ao meio em que vive, proporciona maior economia, melhor rendimento e mais perfeito desempenho aos mecanismos de comunicação entre os membros de um grupo social e, paralelamente, ser o veículo de sua expressão estética e de seus anseios. O estudo da seleção e importância lexical, o qual se condiciona pelo momento histórico e objetivos desejados pelo artista, é de grande relevância, na medida em que se relaciona intimamente com as suas atividades cognitivas.

O universo chargístico revela um discurso social, ou seja, “não-literário”, o que o situa como objeto da Sociosemiótica que reconstitui o mecanismo de funcionamento dos sistemas de significação através da análise das estruturas do discurso.

CHARGE, PARÓDIA POLÍTICO-SOCIAL DO COTIDIANO

Em *Paródia, paráfrase & Cia*, SANT’ANNA (1985) afirma que não encontramos uma história do termo *para-phrasis*, que no grego significa continuidade ou repetição de uma sentença. De acordo com o autor, é compreensivo a não-história do termo, pois a paráfrase está ao lado da imitação e da cópia, e a história é, geralmente, mais interessada naquilo que provoca ruptura e corte, trazendo alguma inovação ou descontinuidade¹.

A colocação da paráfrase ao lado da cópia e da imitação – tipo de estratégias em que o “autor” do texto é incontestavelmente o mesmo do intertexto – deixa claro que a orientação dada por aquele que parafraseia é também a de endosso do autor parafraseado. Desta forma, na paráfrase há uma continuidade da ideologia dominante, que tende a falar sempre do “mesmo” e do “idêntico”, a repetir informações como se fosse um espelho: “a paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse. É uma máscara que se identifica totalmente com a voz que fala atrás de si” (SANT’ANNA, 1985:29).

Na charge, o fato que a origina e suas circunstâncias históricas, ideológicas, políticas e sociais são determinantes nos efeitos de sentidos produzidos. Assim, os sentidos possíveis da charge estão colocados aos sentidos veiculados nas notícias mediatizadas. Atrvés do humor, o charginista tem a tarefa de:

[...] sintetizar o sentimento coletivo através do desenho, muitas vezes interagindo com um texto geralmente curto, seco, cujo resultado é o comentário, a opinião, a crítica a respeito de uma dada situação, em cerca de duas colunas de jornal por dez centímetros de altura. Tal síntese tem como característica a exploração de uma linguagem de humor, onde o absurdo, as contradições, as mazelas, o ridículo, o

¹ Ressaltamos que a não-história refere-se ao termo paráfrase. O fato de não haver uma história do termo não quer dizer que a paráfrase seja uma manifestação discursiva moderna.

inusitado, o desespero, o malogro, as injustiças, o oportunismo, a indecência, a decadência, a burla, as comparações e associações, entre outras revelações, estão presentes (ANDRADE, 2002: 3-4).

O humor da charge se apresenta a partir de “uma estética do contrário, para revelar o correto; uma estética da incongruência, para revelar o absurdo da existência; e uma estética do inesperado para surpreender o outro” (ANDRADE, 2002:88). Nessa perspectiva, os sentidos veiculados nos fatos mediatizados são realizados, nas charges, de maneira invertida. Pode-se, então, afirmar que a charge seria a paródia do cotidiano midiático.

Uma das expressões utilizadas por Sant’Anna (1991:41) para conceituar a paródia é Espelho invertido. Segundo o autor, a principal característica da paródia é a deformação do texto original, “subvertendo sua estrutura ou sentido”. Sant’Anna também afirma que, modernamente, a paródia é definida como um jogo intertextual.

A noção de inversão de sentido já tinha sido relacionada à paródia por Mikhail Bakhtin, em 1928. Ele defendia que o autor do texto parodístico utiliza a fala de outrem para introduzir um intencão que se opõem à original. “A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o abriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco de luta contra duas vozes” (BAKHTIN, 1981:168). O autor acrescenta ainda que na paródia a fusão de vozes é impossível, porque apesar de ser construída a partir de outra voz, a orientação de uma voz é totalmente antagônica à orientação da outra, elas provêm de mundos diferentes.

Antes mesmo de Bakhtin, Iuri Tynianov também fez menção a esse jogo de vozes e de opostos. Para Tynianov (*apud* Sant’Anna, 1991:13-14). “[...] na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico ou substituindo um de seus elementos pelo outro cômico), a paródia de uma comédia pode ser uma tragédia”.

Etimologicamente, paródia significa canto paralelo (para = ao lado e ode = canto), uma canção que era cantada ao lado de outra, no sentido de contracanto (Fávero, 1994 e Sant’Anna, 1991). Segundo Sant’Anna, (1991:11), o termo só foi institucionalizado a partir do século XVII, mas na Antigüidade Clássica, Aristóteles, em sua poética, atribuiu a origem da paródia, como arte, a Hegemon de Tasso (séc. 5a.C.), que usou estilo épico para representar os homens não como superiores ao que são na vida diária, mas como inferiores. Como a epopéia era um gênero destinado à apresentação de heróis nacionais, teria havido ali uma inversão, i.e., uma degradação do gênero épico.

De acordo com Bakhtin (1981:92), no final da Antigüidade formaram-se e desenvolveram-se vários gêneros, “bastante diversos exteriormente, mas interiormente cognatos” – como o diálogo socrático, os panfletos e a sátira menipéia –, que vieram constituir o gênero cômico-sério, “em oposição aos gêneros sérios como a epopéia, a tragédia a história, a retórica clássica, etc”. Para o autor, o cômico-sério se insere na literatura carnavalesca, pois está impregnado de uma cosmovisão carnavalesca, “dotada de uma poderosa força vivificante e transformadora de uma vitalidade indestrutível”².

² Segundo Bakhtin (1981:92) a literatura carnavalesca é aquela que sofreu influência de diferentes modalidades do folclore carnavalesco (antigo ou medieval). “Todo campo cômico-sério constitui o primeiro exemplo desse tipo de literatura”.

Todos os gêneros carnavalizados têm, para Bakhtin (1981:101), uma estreita relação com a paródia. Muitas das características da menipéia, por exemplo, ainda podem ser encontradas nas paródias modernas, como a opção por problemas sociopolíticos contemporâneos, pelas condutas excêntricas, pelos discursos e declarações inoportunas, enfim, pelas “diversas violações da marcha universalmente aceita e comum dos acontecimentos, das normas comportamentais, estabelecidas e da etiqueta, incluindo-se também as violações do discurso”.

O emprego ambíguo do discurso do outro, a ironia, o grotesco e a transgressão estão presentes na paródia, e podem se manifestar de diversas formas. “Pode-se prodiar o estilo de outro enquanto estilo; pode-se parodiar a maneira típico-social ou caracterológico-social de o outro ver, pensar e falar” (BAKHTIN, 1981:168). Na charge, também estão presentes elementos ambíguos, irônicos e grotescos. É na ambigüidade formada pelo contraste, pela incongruência, pela reversão da expectativa que se obtém o fator surpresa da charge e que provoca o humor.

Para que o humor seja estabelecido, exige-se algo mais que cenas inusitadas ou absurdas, incongruências ou reversões da expectativa: é necessário que além de simples jogos mentais [...] haja a intenção do falante (cartunista) de levar o outro a refletir sobre algum aspecto da condição humana, que haja transações no reino da metáfora. O humor encerra um modo de expressão mais sofisticado que o chiste (um dito espirituoso que se faz) e o cômico (algo inútil que se constata: orelha de abano, nariz de gancho, um escorregão) – o que não significa uma relação de superioridade em relação a ambos, e sim que o cômico, o risível, fazem parte de seu método constitutivo, de sua estrutura narrativa. A esta podem somar-se tantos códigos particulares tantas sejam as formas de expressão e/ou de arte em que se manifestem: o humor, para que de dê numa certa seqüência de filme, pode ter como elemento crucial um timing lento, arrastado, enquanto que, hipoteticamente, o mesmo roteiro, interpretado numa história em quadrinhos, poderia ter como elemento fundamental a surpresa, um “choque”, de um requadro para o seguinte; e por último, no teatro, poderia ser um ator, erguendo-se entre a platéia para interagir metalingüisticamente com os personagens. (ANDRADE, 2001:14).

O LÉXICO COMO MEDIADOR DE SENTIDOS

De acordo com Andrade (2002), na charge, o sentido é formado simbolicamente na imaginação pela relação entre o desenho que se vê, o texto que compõe os balões e algum fato sobre o qual se tem conhecimento. Para o autor, é imprescindível, que os acontecimentos e circunstâncias sejam comuns tanto ao criador do significante quanto ao público destinatário da mensagem. Dessa forma, os sentidos do humor ensejados pela charge podem até ser mais sofisticados que o pretendido pelo criador, pois é este outro quem monta o quebra-cabeças. “O todo da charge está muito além da estampa sobre o

papel, e uma tática possível (proposital ou involuntária) para ampliar seu horizonte (o do alcance da charge) é criar re-significações, é fazer indagações [...]” (p. 19).

Neste trabalho, tentamos encontrar as re-significações propostas pelos cartunistas nas charges sobre assuntos distintos, sendo, todos eles bastante polêmicos na política nacional.

Em se tratando de Imposto de Renda, temática enfocada nos exemplos a seguir, e de extrema relevância política, o Jornal do Brasil (JB) veiculou, no dia a charge do ???, intitulada “Show em Brasília”. Nela ???, apoiado nas caricaturas de Caetano Veloso (famoso cantor na MPB) e do ministro Pallocci, que aparece envolto na juba de um leão, animal símbolo do Imposto de Renda, utiliza o fragmento de uma canção bastante conhecida de Caetano “Leãozinho” como fala do ministro, o qual, em pronunciamento oficial à população brasileira, em várias ocasiões, solicitou que os cidadãos não perdessem o prazo para a declaração do IR. O escolha lexical para a fala de Pallocci sugere que, é de sua alçada e não da de outro político a responsabilidade com a cobrança e a fiscalização das declarações dos contribuintes. Além da leitura a pouco realizada, na qual se observa uma explícita intertextualidade, uma outra também é possível, a de que quem administra o país não é competente o suficiente para regularizar a economia, por isso, muitos brasileiros, apesar de já contribuírem com a receita, via pagamento de impostos, são obrigados a pagar IR, ao invés de serem restituídos.

Para a construção dessa charge, a principal estratégia é a do exagero, pois o cartunista maximiza o papel do IR, uma vez que caracteriza o ministro como um animal nocivo. De qualquer modo, toda uma história de crime e sonegação ao IR determinam o(s) efeito(s) de sentido produzido(s) pela charge.



Poucos dias após a publicação da charge utilizada no exemplo acima, torna-se a pública, graças à divulgação da imprensa, a sonegação ao imposto de renda feita pelo então presidente do Banco Central José Dirceu. Promovido ao cargo por tratar-se de um homem de confiança do governo Lula. Mesmo sendo freqüentes os casos de sonegação, tal notícia abalou a opinião pública, uma vez que é inconcebível a alguém que ocupa a presidência do BACEN burlar a lei para se eximir de pagar imposto, o que é um dos deveres de qualquer cidadão, seja ele abastado ou humilde. Utilizando o contraste entre o discurso oficial da

imprensa (“Morre o poderoso chefão”) e a fala de Zé Dirceu (então presidente do BACEN), o autor argumenta que por se tratar de alguém com “costas quentes”, por ocupar o cargo de Presidente de uma das principais instituições federais do país, mesmo estando a opinião pública abalada, não se aniquila, condenando e prendendo, um sonegador de tal estirpe com facilidade. Daí a tão convicta resposta de Dirceu à acusação, por parte da imprensa, de sua “morte” (provável afastamento do cargo), “Êpa! Estou muito vivo!”. Segundo o pensamento de Bakhtin (1973), consideramos que o chargista transforma em risível o descumprimento de regras oficiais.



No exemplo a seguir, publicado na *Folha de Pernambuco* em maio de 2000, pós tentativa de invasão do MST à propriedade privada de familiares do então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, observamos que o Papa antevê o momento em que a humanidade em geral (ou os mais humildes, em particular) voltará a aceitar o catolicismo como religião (a Santa Madre Igreja Católica, presumivelmente, é “a” casa do Senhor, e não o Islamismo, Judaísmo ou o Xintoísmo, entre outras denominações menos cotadas) ou a fé em Cristo (independente da denominação cristã). O Presidente FHC, por sua vez, interpreta o discurso papal em contexto diverso, uma vez que é, antes de tudo, ateu convicto. Ademais, sendo presidente, idoso e vaidoso, interpreta a forma de tratamento “senhor” como sendo dirigida a si, ao não reconhecer outro senhor que não ele mesmo como interlocutor do papa. Desta forma, só poderia o papa estar se referindo às tentativas, até então, frustradas, dos trabalhadores do MST, de invadir a fazenda de propriedade de seus filhos. Para evitar esta invasão (que terminou acontecendo) o presidente requisitou proteção da Polícia Federal para a proteção do patrimônio de terceiros, seus filhos.



A próxima charge que data do mês de julho de 2004 é um intertexto do filme *Shrek* de Steven Spielberg, recorde de bilheteria em suas versões um e dois, nela o ogro, ao ler o artigo constitucional que habilita aqueles não “plenamente” analfabetos como elegíveis, mostra-se frustrado. Duas possibilidades surgem, pelo menos, para justificar sua expressão facial (a qual não era típica do personagem, em geral cínico ou mal-humorado): a) poderia estar decepcionado com a legislação, que na aparência parece ser bem-feitora da ampliação dos direitos civis aos pouco letrados, mas que, de fato, na percepção do chargista, parece ser inconseqüente ao permitir àqueles incapazes de discernir sobre o que lêem, se é que o fazem, o poder de legislar em nome do povo; ou b) a julgar pela proposta do “burro”, a decepção, também, por ter que aceitar o cargo de “vice” na chapa encabeçada pelo “burro”, apesar dele, ogro, aparentemente ser mais qualificado.



Neste qüito e último exemplo, cujas temáticas dizem respeito a assuntos aparentemente inconcebíveis de serem abordados conjuntamente: *campanha do*

desarmamento e *Planos de saúde*, aparecem unidos e o pouco de léxico que vemos empregado, o título e o dizer do envelope, são suficientes para algumas leituras.

A campanha do desarmamento, que se fundamenta na idéia de que o cidadão está sob ameaça de sofrer violência fatal por, entre outras possibilidades, guardar no seu lar uma arma, indeniza o cidadão que entregar a arma, variando o valor monetário com a periculosidade do armamento. O extrato de pagamento do plano de saúde é, tal qual a arma de fogo, guardado em casa, sob a responsabilidade de adultos e se estes não forem capazes de mantê-lo em condições adequadas (no caso, com o pagamento em dia) estarão colocando em risco sua própria saúde e de seus familiares. Dado o elevado valor dos extratos e o impacto fatal que podem ter sob a vida familiar, aquele que entregar o extrato à campanha “deveria” receber um elevado valor de indenização. Note-se que o extrato está exposto próximo às armas de maior poder de destruição (fuzil, pistola automática e espingarda) e mais distante das armas “leves” (revolveres comuns de 6 balas).



Considerações finais

Considerando a charge como um gênero icônico-verbal essencialmente vinculado aos fatos jornalísticos divulgados no dia-a-dia, nosso objetivo neste trabalho foi analisar os efeitos de sentido possibilitados pela seleção lexical empregada nos exemplos.

Ao identificarmos as principais estratégias utilizadas pelos cartunistas para a construção de suas charges, percebemos que esse gênero tem vários pontos que o aproximam da paródia. Tais estratégias (ironia, ambigüidade, exagero, inversão de sentidos, incongruência e deformação) podem ser identificadas tanto nos traços dos desenhos quanto nos textos verbais. No corpus analisado, verificamos que a charge reflete os fatos mediatizados, levando em consideração o contexto histórico-social.

Ao utilizar elementos que provocam o riso, a charge interage com o leitor, fazendo com que o mesmo solidifique sua posição acerca de alguma coisa. Nessa perspectiva, os sentidos mediados pela charge, via léxico, são extremamente importantes no contexto analisado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. C. 2002. **O Espírito da charge** – além da notícia jornalística. Dissertação de Mestrado. PPGCOM, Recife (Mímeo).
- BAKHTIN, M. 1981. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- BAKHTIN, M. 1993. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento** – O contexto de François Rabelais. 2. ed. São Paulo, Hucitec.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras-lexicográficas. **Revista Brasileira Lingüística**. São Paulo: Plêiade: 1995, p. 15-30.
- MARCUSCHI, L. A. 1998. **Por uma proposta para a classificação dos Gêneros Textuais**. Recife. (Mímeo).
- SANT'ANNA, A. R. 1991. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 4. ed. São Paulo, Ática.

